



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de comemoração dos 180 anos do Jornal do Commercio**

**Rio de Janeiro – RJ, 1º de outubro de 2007**

Senhor Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,  
Ministra Ellen Gracie, presidente do Supremo Tribunal Federal,  
Senhor Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio  
Exterior,

Senhor Márcio Fortes, ministro das Cidades,  
Desembargador José Carlos Schmidt, presidente do Tribunal de Justiça  
do Rio de Janeiro,

Maurício Dinepi, presidente do Jornal do Commercio,  
Edson Zenóbio, presidente do condomínio acionário dos Diários  
Associados,

Álvaro Teixeira da Costa, presidente da Comissão Executiva dos Diários  
Associados,

Senador Marcelo Crivella, aqui presente,  
Deputados federais, deputadas,  
Ministro Marcos Vinícius Vilaça, por meio de quem cumprimento todos  
os homenageados com o Troféu 180 Anos,

Meu caro Luciano Coutinho, presidente do BNDES,  
Secretários de estado,

Meus amigos e minhas amigas,

O aniversário de um órgão de imprensa é sempre uma reafirmação do  
espaço de liberdade na vida de um povo. E quando o veículo carrega consigo a  
história e a tradição construídas em 180 anos de circulação ininterrupta, essa  
afirmação ganha relevo e densidades adicionais.

Testemunha de tantas conquistas da nação brasileira, o fim da odiosa



escravatura, a proclamação da República e a longa caminhada que resultou na sólida democracia em que vivemos, o Jornal do Commercio enfrentou também os muitos reveses de nossa história, felizmente hoje superados. Estou falando dos períodos onde a prática do bom jornalismo e o exercício da liberdade de imprensa eram cerceados por práticas autoritárias e das crises econômicas que solaparam, inúmeras vezes, os passos que o Brasil vinha dando no sentido de fortalecer sua indústria e seu mercado.

Refiro-me também à falta de estratégia sólida de desenvolvimento nacional com inclusão social, uma lacuna política responsável por aumentar, em muito, a pobreza e a desigualdade em nosso País e que, por isso mesmo, constrangeu historicamente nossa economia. É impossível pensar em uma economia sólida sem justiça social. Onde imensas faixas da população estão abaixo da linha da pobreza, não há mercado interno sólido. E quando educação é um privilégio de poucos, inexistente sequer mão-de-obra qualificada para os setores industriais, comerciais e de serviços que hoje enfrentam uma competição global.

O Jornal do Commercio chega aos seus 180 anos, portanto, em um momento no qual uma grande conjugação de forças políticas e econômicas nacionais possibilita ao Brasil enfrentar o seu maior desafio, que é crescer com justiça social.

Nesse contexto, o nosso jornalismo e em especial o jornalismo econômico, deve ser livre e plural para exercer com equidade o papel de grande praça de debates, onde os diferentes anseios e demandas da nação sejam representados.

É fundamental, portanto, que a prática jornalística agregue à liberdade a consciência histórica do que significa construir um novo ciclo de desenvolvimento num mundo volátil da globalização.

O jornalismo em que predomina a abordagem econômica tem ampliado, e muito, o acesso do cidadão não especializado às questões que determinam



tanto o destino do País, quanto a sua vida cotidiana, principalmente quando fornece informações objetivas, análises qualificadas e um debate sério e construtivo sobre a economia nacional e internacional. Sem ele, o crescimento derrapa no paradoxo da riqueza que não reparte, e inviabiliza a formação dos grandes consensos que marcam os ciclos duradouros de prosperidade e progresso humano.

Não falo apenas do ponto de vista de um governo, tampouco de um partido ou de um presidente. Falo da necessidade de uma nação reconquistar o direito de ter uma política soberana de desenvolvimento no século XXI. O desenvolvimento, como entendemos, não é uma resultante apenas técnica, nem é fruto de ciência pura mas, sim, de um processo de transformação das estruturas de uma sociedade, e isso não está isento de contradições, exceto em regime de força.

Idéias e interesses distintos estão presentes na construção do desenvolvimento. Não podem e não devem ser evitados ou discriminados, ao contrário, o equilíbrio emerge da transparência, do diálogo e da negociação política. Também é assim no caso do jornalismo e da necessária isenção informativa. Por isso, é preciso sempre vacinar as decisões econômicas contra o simplismo das soluções pré-fabricadas e dos esquematismos doutrinários que rejeitam o debate democrático.

A política criativa contribui sempre para erguer ideais, libertar as potencialidades do País e a energia do nosso povo. Estamos trabalhando duro nesse sentido. E felizmente, os resultados concretos já estão aparecendo aos olhos da nação.

Minhas senhoras e meus senhores,

Tanto a imprensa livre como o desenvolvimento sustentável serão cada vez mais rigorosos no nosso País se a cidadania continuar se fortalecendo. E não existe cidadania forte sem mobilização da vontade da opinião pública.

No embate democrático de idéias e propostas, tenho certeza de que se



consolidará não apenas uma economia mais sólida, mas também um jornalismo ainda mais relevante, independente e, acima de tudo, um Brasil melhor e cada vez mais justo para todos os brasileiros e brasileiras.

Eu queria, meus caros companheiros diretores dos Diários Associados e do Jornal do Commercio, convidados e premiados nesta noite, dizer para vocês que eu espero que o Jornal do Commercio possa publicar, ainda em 2010, uma obra que dom Pedro tentou fazer em 1846 e 1847, a famosa transposição das águas do rio São Francisco, e que nunca conseguiu fazer. Finalmente, Álvaro, nós vamos fazer essa obra para levar água para, pelo menos, 12 milhões de famílias no semi-árido nordestino, tão bem defendidos aqui pelo nosso querido presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vilaça.

Mas não é apenas isso, eu penso que é importante a gente atentar para o que significa para o Brasil, para a nossa democracia, um jornal completar 180 anos. Talvez o mais antigo leitor dele não esteja aqui, o Oscar Niemeyer, que vai fazer 100 anos de idade. Um jornal que completa 180 anos de idade num País de política tão complicada quanto o Brasil, tem que ter uma razão muito especial para sobreviver tanto tempo. Eu acho que os dirigentes do condomínio dos Diários Associados e o Jornal do Commercio têm que ter consciência de que só é possível sobreviver tanto tempo porque vocês nunca fizeram a prática da imprensa marrom e nunca fizeram a prática da imprensa chapa-branca. Vocês fizeram, no fundo, no fundo, a prática de diretores de jornais, de diretores de redação, de jornalistas, que compreendem uma coisa que deveria ser simples de ser compreendida por todo mundo, mas nem sempre é: é que apenas a verdade, publicada com a isenção desapaixonada de quem tem o poder de escrever uma notícia ou um artigo que bate fundo na cabeça do leitor ou da leitora, e que convence o leitor e a leitora de que aquilo é a mais pura verdade, somente isso pode justificar a sobrevivência de um jornal que completa 180 anos de vida.

No Brasil, nem sempre é assim. O Brasil tem jornais regionais que



pensam que são nacionais. Tem jornalista que escreve um artigo achando que 190 milhões de brasileiros irão lê-lo. Tem jornais que preferem a quantidade de publicidade do que a qualidade das notícias publicadas no seu jornal. Todos esses, Álvaro, têm vida curta. Sobrevive aquele que adquire consciência de que não basta quantos leitores leram aquele artigo, sobrevive aquele que, mesmo escrevendo menos artigos, mesmo tendo uma tiragem menor, os leitores conseguem ver naquilo uma verdade e conseguem interpretar o que o texto quis dizer. Quando se conta a verdade, as pessoas entendem, as pessoas percebem. Quando não se conta a verdade, também as pessoas percebem.

De vez em quando, as pessoas falam: “o presidente Lula é contra ou a favor da liberdade de imprensa?” Eu sou o resultado da liberdade de imprensa neste País. Eu não seria presidente da República se não tivesse liberdade de imprensa.

A minha tranquilidade, todo santo dia, é saber que todos nós temos um juiz, e não é o julgador do juízo final, não. É um juiz que todo dia está interpretando o que fez o presidente da República, mas também está interpretando o que está escrito nos jornais. É esse leitor que, no fundo, no fundo, nos dá a garantia de que ele é o grande fiscal da liberdade e da independência da imprensa publicada neste País.

Pobre do governante que se preocupar com uma notícia negativa demais, e pobre do governante que acha que aquilo que está falando bem dele é a pura verdade. Os dois extremos não permitem que um governante possa governar com a sobriedade de quem exerce um cargo de presidente da República ou um cargo de governador de estado. Para nós, e eu quero dizer aqui mais uma vez com toda a força do meu pulmão, o que importa não é que tenha uma imprensa que fale bem do governo. Para nós, o que importa não é que tenha uma imprensa que fale mal do governo. Para nós, o que tem interesse, na verdade, é que tenha uma imprensa que seja imprensa, uma



imprensa capaz de informar os fatos concretos e objetivos.

Isso garantido, a gente pode ter a certeza de que as instituições democráticas, que já estão consolidadas, podem garantir que este País nunca mais tenha experiências de rompantes autoritários, de gente que achava que há saída para o Brasil fora da democracia. E somente por esse procedimento é que o jornal do Commercio consegue chegar aos seus 180 anos com a cara de menino que nasceu em 1827.

Meus parabéns à direção do condomínio, parabéns à direção do Jornal do Commercio, e que Deus permita que vocês continuem com essa lisura, falando de tudo, sobre tudo, mas falando com a serenidade e a objetividade com que vocês se pautaram até agora. Parabéns e espero estar vivo para comemorar os 200 anos do Jornal do Commercio.

Muito obrigado.